



DOSSIÊ: CONTRADISCURSOR DE RESISTÊNCIA EM DIFERENTES AMBIENTES DE INTERAÇÃO

Contradiscorso de resistência em Bakhtin: aportes político-estéticos ancorados em uma antropologia filosófica

Counterdiscourse of Resistance in Bakhtin: Political-Aesthetic Contributions from Philosophical Anthropology

Contradiscorso de Resistencia en Bakhtin: Aportes Político-estéticos anclados en una antropología filosófica

Eduardo Moll¹

orcid.org/0000-0002-0635-9845
eduardo.silva98@edu.pucrs.br

Glória Di Fanti¹

orcid.org/0000-0002-5399-5377
gloria.difanti@pucrs.br

Juan-Manuel López-Muñoz²

orcid.org/0000-0002-2208-2540
jmanuel.lopez@gm.uca.es

Recebido em: 20 jul. 2024.

Aprovado em: 14 out. 2024.

Publicado em: 13 dez. 2024.

Resumo: Sendo a problematização do estatuido uma função ético-política comum às teorias do discurso, observamos, nos esboços bakhtinianos para uma antropologia filosófica, caminhos para pensar aportes político-estéticos aos contradiscursos de resistência a partir dos escritos do Círculo. Elegemos os conceitos "metalinguística", "reacentuação" e "contradiscorso" como norteadores do cotejo entre escritos de Bakhtin, especialmente, e do Círculo, em diálogo com os campos da ciência política e da psiquiatria, enfocando a dinâmica de exclusão/reconhecimento do outro. Com a discussão de imagens do inconsciente produzidas por pacientes da psiquiatra Nise da Silveira, desenvolvemos os seguintes aportes inter-relacionados: a) a resistência à imagem em ausência do outro no e pelo plano afigurativo/representacional da produção estética; b) a resistência à objetificação do outro pela via da amorosidade estética, que exige a restituição subjetiva ao parceiro do ato ético, em toda a sua complexidade concreta no existir.

Palavras-chave: contradiscorso de resistência; alteridade; antropologia filosófica; Bakhtin; Nise da Silveira.

Abstract: The problematization of the established is an ethical-political function common to discourse theories. In the Bakhtinian outlines toward a philosophical anthropology, we observe pathways for considering political-aesthetic contributions to counterdiscourses of resistance based on the writings of the Circle. We focus on the concepts of metalinguistics, reaccentuation and counterdiscourse as guiding principles for comparing Bakhtin's writings, particularly those of the Circle, to those in the fields of political science and psychiatry, emphasizing the dynamics of exclusion and recognition of the other. Through the discussion of the unconscious images produced by patients of psychiatrist Nise da Silveira, we elaborate the following contributions: a) resistance to the image in the absence of the other, manifested in the figurative and representational planes of aesthetic production; b) resistance to the objectification of the other through the aesthetic affection that demands subjective restitution to the partner in the ethical act, encompassing the full complexity of existence.

Keywords: Counterdiscourse of Resistance; Otherness; Philosophical Anthropology; Bakhtin; Nise da Silveira.

Resumen: Dado que la problematización de lo estatuido es una función ético-política común a las teorías del discurso, observamos, en los esbozos bakhtinianos para una antropología filosófica, caminos para pensar aportes político-estéticos a los contradiscursos de resistencia a partir de los escritos del Círculo. Elegimos los conceptos de metalingüística, reacentuación y contradiscorso como orientadores del cotejo entre los escritos de Bakhtin, especialmente, y del Círculo, en diálogo con los campos de la ciencia política y la psiquiatria, enfocando la dinámica de exclusión/reconocimiento del otro. Con la discusión de imágenes del inconscien-



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

² Universidad de Cádiz, Cádiz, Espanha.

te producidas por pacientes de la psiquiatra Nise da Silveira, desarrollamos los siguientes aportes interrelacionados: a) la resistencia a la imagen en ausencia del otro en y por el plano afigurativo/representacional de la producción estética; b) la resistencia a la objetificación del otro a través de la amorosidad estética, que exige la restitución subjetiva al compañero del acto ético, en toda su complejidad concreta en el existir.

Palabras clave: contradiscurso de resistencia; alteridad; antropología filosófica; Bakhtin. Nise da Silveira.

"A criatividade é o catalisador por excelência das aproximações de opostos. Por seu intermédio, sensações, emoções, pensamentos são levados a reconhecer-se, a associar-se"
(Silveira, 2001, p. 21).

Considerações iniciais

Com epistemologias diferentes, as distintas abordagens dos estudos do discurso apresentam, como denominador comum, uma ética da sondagem dos sentidos para além do estatuído. Como exemplo, citemos dois pensadores inscritos na tradição francesa. Em *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (1975), Michel Pêcheux (2014, p. 158-159), com os conceitos de "pré-construído" e "articulação", questiona, respectivamente, os efeitos de saber comum ("aquilo que todo mundo sabe") e de suporte evidencial do discurso na coletividade ("como dissemos", "como todo mundo sabe" e "como todo mundo pode ver"). Com isso, aponta para funcionamentos discursivos que contribuem para os efeitos de não contradição ideológica, escamoteando o reconhecimento da incidência da luta de classes na constituição da forma-sujeito e do discurso. Por sua vez, Michel Foucault (2014), em *A ordem do discurso* (1970), ao discutir "procedimentos de controle e de delimitação do discurso" (p. 20), como "a palavra proibida, a segregação da loucura e a vontade de verdade" (p. 18), desnatura a verdade, apontando nela

uma "prodigiosa maquinaria destinada a excluir todos aqueles que, ponto por ponto, em nossa história, procuraram contornar essa vontade de verdade" (p. 19-20). A desnaturalização promovida pela pesquisa relativa à constituição do poder revela, portanto, o reconhecimento de outros dizeres possíveis, embora interditados.

A crítica ao estatuído, amparada em singulares concepções de sujeito, ideologia, poder e discurso, indicia posicionamentos políticos do discursivista. Por isso, no Brasil, esse campo de estudos tem prestado salutares contribuições a problemáticas político-sociais contemporâneas. Diante desse cenário, a prática analítico-teórica *resiste* ao desvelar abusos na vinculação do discurso ao poder³, os quais geram dinâmicas de violência discursiva (Paveau, 2021) e intolerância (Di Fanti; López-Muñoz, 2020), que minam os direitos humanos e, conseqüentemente, a inteireza do "ser *expressivo e falante*", o "ser da totalidade, o ser da alma humana" (Bakhtin, 2017a, p. 59). A crítica ao discurso intolerante, nesse sentido, preza pela integridade humana, a qual fundamenta não só a formação e a pesquisa nas/das humanidades, mas, principalmente, um projeto de democracia pluralista (Mouffe, 2003). Em apoio coral à postura ética de resistência sustentada por colegas de distintas vertentes teóricas, voltamo-nos à concepção de sujeito e de linguagem legada pelo Círculo de Bakhtin⁴, pontuando sua produtividade à análise de contradiscursos de resistência.

Em *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (1929), Volóchinov (2021), considerando a palavra como "uma ponte que liga o eu ao outro" (p. 205), predica os polos alteritariamente referidos pelo viés da ativa responsividade, defendendo que, na interação discursiva, toda compreensão dialógica da palavra alheia "busca uma *contrapalavra* à palavra do

³ Nos estudos bakhtinianos, o poder é passível de análise a partir da vinculação do discurso à autoridade, com tons mais ou menos autoritários. Nos discursos internamente persuasivos, preserva-se a responsividade do sujeito que os assimila, reacentuando-os; já nos discursos autoritários, a palavra alheia "penetra em nossa consciência verbal como uma massa compacta e indivisível, precisando ser integralmente confirmado ou integralmente refutado" (Bakhtin, 2015, p. 138).

⁴ A designação "Círculo de Bakhtin", cunhada por pesquisadores atuantes na área, designa um grupo de intelectuais de formação heterogênea reunidos na Rússia entre 1919 e 1929 para pensar questões relativas à língua, literatura, arte, biologia etc. Nos estudos discursivos, os escritos de Mikhail Bakhtin, Pável Medviédev e Valentin Volóchinov são particularmente relevantes (Faraco, 2009). Tendo em vista a afinidade conceitual do grupo, consideramos como também do Círculo os escritos assinados por Bakhtin a partir da década de 1930 (Barbosa; Di Fanti, 2020).

falante" (p. 232)⁵. Assim, o autor expande a dinâmica de pergunta-resposta à própria lógica da consciência, afirmando que "[e]m cada palavra de um enunciado compreendido, acrescentamos como que uma camada de nossas palavras responsivas" (Volóchinov, 2021, p. 232). Com efeito, a perspectiva bakhtiniana reserva ao sujeito um espaço ontológico no material mesmo da palavra, no qual a voz singular dos sujeitos participará, ativamente, do diálogo social em grande escala: "[...] em todo signo ideológico cruzam-se ênfases multidirecionadas. O signo transforma-se na arena da luta de classes" (Volóchinov, 2021, p. 113).

Nessa senda, as metáforas heurísticas (Bubnova, 2016) da palavra como "ponte" e como "arena", em Volóchinov (2021), ou do enunciado como "elo discursivo" e "palco de encontro" entre interlocutores, conforme descreve Bakhtin (2016) em *Os gêneros do discurso* (1952-1953), levam-nos a uma antropologia filosófica⁶, ou seja, a "uma abordagem mais globalizante das realidades humanas e não nas teorias e modelos formais de fragmentos de coisas" (Faraco, 2007, p. 100). No viés bakhtiniano, tal antropologia é calcada, precisamente, na alteridade.

Em *Para uma filosofia do ato responsável* (1920-1924), Bakhtin (2017b, p. 143) afirma que a "divisão arquitetônica do mundo em eu e em todos aqueles que para mim são outros não é passiva e causal, mas ativa e imperativa". O mundo, semantizado a partir do princípio arquitetônico fundamental entre eu e outro, faz da responsividade uma exigência ética (Bubnova, 2016). Nesse sentido, a resposta é uma das figurações da responsabilidade ativa e imperativa, o que significa "ser, a partir de si, responsabilmente participante, afirmar o seu não álibi real e compulsório no existir" (Bakhtin, 2017b, p. 108). Por isso, o prefixo "contra-" acena à "indole primária dessa contraposição", ativa e produtiva, entre eu e outro (Bakhtin, 2017c, p. 48), contrária à mesmificação, à duplicação do eu, à autoafirmação identitária excluída do outro (Ponzio, 2010).

Em *Fragmentos dos anos 1970-1971*, Bakhtin

(2017c), mencionando a antropologia filosófica, leva em conta, dentre outros aspectos, a composição da *imagem* integral que o sujeito tem de si, a "espécie de ser dessa imagem" (p. 42), bem como as "diferenças de espaço e de tempo do eu e do outro" (p. 43). Segundo Bubnova (2016, p. 216), Bakhtin estaria reafirmando a "assimetria de princípio entre o eu e o outro" típica da totalidade desses polos alteritários, sendo "totalidade" entendida como "copresença dos aspectos pragmático-cognitivo, ético e estético no ato". Sob essa dimensão, indagamos, na proposta da antropologia filosófica, o aspecto estético. De fato, a representação da *imagem da ideia* ou da *imagem da linguagem* do outro é uma tônica da análise bakhtiniana dos romances de Dostoiévski (Bakhtin, 2018a). Por isso, concordamos com Susan Petrilli (2010, 2013) ao afirmar que o estudo da arte – mais especificamente, da literatura – guia Bakhtin na constituição de sua escuta alteritária da linguagem.

Nesse contexto, elaboramos as seguintes perguntas de pesquisa: que aportes fornece a estética bakhtiniana para pensar o lugar da resistência na prática contradiscursiva? Mais especificamente, de que forma a imagem – representação, afiguração (Ponzio, 2017, 2019) – permite sondar movimentos alteritários e políticos típicos dos contradiscursos de resistência? Em face de tais perguntas, propomos, como objetivo deste artigo, investigar aportes político-estéticos aos contradiscursos de resistência no Círculo de Bakhtin, visando a contribuir para o avanço da discussão sobre uma antropologia filosófica. Para isso, este artigo organiza-se em dois momentos. Primeiramente, discutiremos a concepção dialógica de resistência subjacente a conceitos como "metalinguística", "contrapalavra", e "reacentuação", articulando a estética bakhtiniana às relações alteritárias que enformam os enunciados. Depois, ilustraremos os aportes aventados com o caso das imagens do inconsciente, produzidas pelos pacientes de Nise da Silveira, psiquiatra junguiana brasileira renomada pelos

⁵ Na tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo, temos duas versões desse termo em duas edições diferentes. Na primeira edição, de 2017, consta "antipalavra"; já na terceira edição, de 2021, consta "contrapalavra".

⁶ A notação *uma* antropologia filosófica visa a destacar o caráter não totalizante das reflexões de Bakhtin, que não ensejava individualizar uma disciplina, mas desenvolver um pensamento sobre as formas de conhecer o ser humano, bem como de representá-lo na linguagem.

avanços teóricos e clínicos na prática da arte-terapia com os chamados, à época, "alienados de Engenho de Dentro"⁷. Por fim, trazemos nossas considerações finais, visando à continuidade do diálogo científico.

1 "Meta-", "contra-" e "re-": aportes político-estéticos ao contradiscurso de resistência em Bakhtin

Tematizando as intrincadas relações entre ética e estética no Círculo de Bakhtin, Petrilli (2013, p. 141) nota que os trabalhos do grupo fazem "emergir a espessura ética, além de estética da linguagem, graças particularmente aos resultados obtidos por meio da experimentação das potencialidades dialógicas da palavra no laboratório de escritura literária", aspecto associado ao prefixo "meta-". No viés da pesquisadora, a filosofia da alteridade dá o tom de um projeto epistemológico instado *entre* a filosofia da linguagem e a filosofia da literatura, apresentado, metonimicamente, no estudo do ponto de vista do autor-criador, interessado em "apreender o que [a personagem] necessita do ponto de vista do outro" (Petrilli, 2013, p. 83). Desde essa perspectiva, anuncia-se a "dependência constitutiva" entre o eu e o outro, característica da antropologia filosófica bakhtiniana (Bubnova, 2006, p. 93), premente na caracterização do *sujeito do apelo*, conforme descrito a partir da análise dos romances dostoiévskianos: "[n]ão se pode falar sobre ele, pode-se apenas dirigir-se a ele" (Bakhtin, 2018a, p. 292).

A partir da dependência constitutiva mencionada, Faraco (2007, p. 101) defende que a visão de sujeito preconizada pela antropologia dialógica o correlaciona, ao mesmo tempo, à linguagem e à cultura, tomada "como um vasto e complexo universo semiótico de interações axiologicamente orientadas". Nesse ambiente, a subjetividade, contemplada em plena atividade responsiva, "se constrói e se desenvolve alimentando-se dos signos sociais, em meio às inúmeras relações sociointeracionais, e opera internamente com a própria lógica da interação

sociossemiótica, donde emergem seus gestos singulares" (Faraco, 2007, p. 101). Em termos políticos, o apelo do sujeito ao outro parece dialogar com o projeto de democracia pluralista descrito por Mouffe (2003). Para a cientista política, a heterogeneidade identitária, indexada ao hibridismo cultural, faz despontar um pluralismo de valores "ancorado no reconhecimento da multiplicidade de cada um e das condições contraditórias a que esta multiplicidade subjaz", reconhecendo que a aceitação do outro "não consiste meramente em tolerar as diferenças, mas em celebrá-las positivamente porque admite que, sem alteridade e o outro, nenhuma identidade poderia se afirmar" (Mouffe, 2003, p. 19). Considerando esses pontos de vista, podemos entender que a antropologia filosófica bakhtiniana pode nos guiar a pensar o funcionamento contradiscursivo calcado na ética da assunção do outro como alteridade constitutiva, em que o constante movimento de *diferimento*, de decalagem entre pontos de contato entre singularidades (Ponzio, 2017), impede a mesmificação e a objetificação do outro.

Ponderando sobre a constituição da antropologia como campo, Bubnova (2006) entende que a antropologia filosófica bakhtiniana não se alinha às orientações metodológicas de descrição dos povos (os outros) na condição de estranhos à norma de quem observa. Ao contrário, o viés cultural dialógico critica a observação participante neutra – que, em sua suposta neutralidade, esconde vieses excludentes – substituindo-a pela responsabilidade ética, "a partir da ótica das relações complexas e controversas com a alteridade, no contexto da responsabilidade – congênita, porém contextual, ontológica, porém, por sua vez, concreta – e da não *existência de alibi para o ser*" (Bubnova, 2006, p. 94). Nesse sentido, consoante Petrilli (2013), Bubnova (2006) interpreta, sob o poder heurístico do diálogo, um projeto ético-estético preocupado com novas formas de conhecer o humano e suas produções de sentido: "antropologia filosófica é, ao mesmo tempo, filosofia da linguagem, ética, estética, epistemologia do diálogo" (Bubnova, 2006, p. 90).

⁷ Agradecemos à Sociedade Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente, especialmente à Christina Gabaglia Penna, pela cessão de uso das imagens veiculadas neste artigo, sob assinatura de termo (2023).

Essas ideias podem ser associadas aos prefixos "meta-" e "dia-", que caracterizam os conceitos de "metalinguística" e "dialogicidade", respectivamente. Nas interações discursivas, como é o caso da literatura e das artes visuais, assume-se que, "Inlo processo da comunicação dialógica com o *objeto*, este se transforma em *sujeito* (o outro eu)" (Bakhtin, 2017c, p. 41), perscrutando a subjetividade emergente do "outro eu". Nessa esteira, a responsividade entre posições subjetivas permite propor, como plano primeiro de nossas agendas de pesquisa, o estudo da "abertura dialógica da palavra e da consciência humana", demandando-nos especial atenção aos "efeitosl na linguagem da lógica da identidade à lógica da alteridade" (Petrilli, 2013, p. 85).

Em *Problemas da poética de Dostoiévski*, há o delineamento da metalinguística como metodologia que, ao dialogar com a linguística e a estilística estruturais, nelas inclui a transdisciplinaridade das ciências humanas, visando à compreensão dos sentidos. A partir de uma concepção de discurso como "língua em sua integridade concreta e viva" (Bakhtin, 2018a, p. 207), a metalinguística elege como objetos privilegiados, embora não exclusivos, as relações dialógicas e a bivocalidade. Lançando um tratamento dialógico à concretude da linguagem, observa-se a dupla orientação da palavra, voltada "para o objeto do discurso como palavra comum e para um *outro discurso*, para o *discurso de um outro*" (Bakhtin, 2018a, p. 212).

Não são despropositadas as notações "um outro discurso" e "discurso de um outro": a primeira salienta a *outridade* semântica, admitindo que a tensão entre sentidos diversos no interior do enunciado não anula a constituição de autorias individuadas; a segunda, por sua vez, salienta a *alteridade* semântica, princípio a partir do qual a interpretação só se torna produtiva ao contactar outros sentidos (Bakhtin, 2017c). As relações dialógicas, então, mobilizam o outro sentido no coração mesmo do enunciado, a partir da *dia-*

-*lógica* responsiva (Ponzio, 2010):

"A vida é boa". "A vida é boa". Estamos diante de dois juízos absolutamente idênticos, em essência, diante de um único juízo, escrito (ou pronunciado) por *duas* vezes, mas esse "dois" se refere apenas à materialização da palavra, e não ao próprio juízo. É verdade que aqui podemos falar de reação lógica de identidade entre dois juízos. Mas se esse juízo puder expressar-se em duas enunciações de dois diferentes sujeitos, entre elas surgirão relações dialógicas (acordo, confirmação) (Bakhtin, 2018a, p. 210).

Dois idênticos ($a = a$), como toda relação lógica repetível, alterados por dois diferentes ($a \neq a$), o mínimo dialógico do ato ético – a tensão entre esses polos engendra a arquitetônica dos acontecimentos semanticamente produtivos, que preveem o outro: "[a] objetivação ética e estética necessita de um poderoso ponto de apoio, situado fora de si mesmo, de alguma força efetivamente real, de cujo interior eu poderia me ver como outro" (Bakhtin, 2023, p. 78). Segundo Bakhtin (2023), o encontro não coincidente e não indiferente entre sujeitos torna cada ser "totalmente humanizado[.] um acontecimento único" (p. 39), expresso na linguagem a partir de texturas prosódico-vocais e imagéticas que reenviam à interafetação⁸, expressa no tom volitivo-emocional: "[l]ada expressão de uma palavra designa não apenas um objeto, não apenas evoca alguma imagem, não apenas soa como também exprime alguma resposta volitivo-emocional ao objeto designado" (p. 24).

A arquitetônica artística, então, elege, como princípio construtivo⁹, as relações de alteridade que enformam o ato ético, responsivo e responsável. Com o conceito de "ato ético", Bakhtin (2017b) defende que o mundo possui um aspecto valorativo biplanar, tensionado entre eu e outro. Na arte, essa relação alteritária irreversível vem afirmada pelo amor estético. Esse vetor de objetivação enunciativa contempla a outridade da existência como alteridade constitutiva, sem procurar sínteses que tornem simétricos e reversíveis

⁸ Miotello (2018, p. 33) entende o enriquecimento das relações alteritárias como a "alteração que o diferente pode produzir na gente", ideia também presente na formulação "interafetação dialógica".

⁹ Conforme Bakhtin (1988) desenvolve em *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária* (1924), tomar a alteridade como valor artístico, ou princípio construtivo, implica afirmar que a experiência de contato com o outro não é apenas efeito da escrita e da leitura, mas a própria dinâmica que as constitui. A alteridade é o princípio da literariedade, motivo pelo qual a arte, no geral, foi tomada pelo Círculo como objeto, ao tornar explícito o dialogismo.

os polos do outro e do eu, pois "somente uma atenção amorosamente interessada pode desenvolver uma força muito intensa, para abraçar e manter a diversidade concreta do existir, sem empobrecê-lo e sem esquematizá-lo" (Bakhtin, 2017b, p. 128). Sob esse princípio, a pluralidade evêntica da vida concreta encontra no discurso – língua viva – um meio privilegiado para seguir instaurando o amor estético: "é como se a língua, ou mais precisamente o mundo da língua, tivesse seu herói potencial, que em um enunciado vital se atualiza em mim e no outro" (Bakhtin, 2023, p. 42).

Pelo viés da antropologia filosófica, a representação da linguagem pode ser compreendida como recurso do "mundo da língua" a serviço da instauração de relações metalinguísticas capazes de evocar o "não eu em mim, isto é, o ser em mim, algo maior do que eu em mim", questionando a possibilidade de "unificar o eu e o outro em uma imagem neutra do homem" (Bakhtin, 2017c, p. 43). Com isso, a apreciação do objeto do discurso, a imagem conceitual a ele indexada e, por fim, a entonação volitivo-emocional com a qual o sujeito se dirige ao outro organizam o discurso do autor-criador em resposta à experiência de encontro com a personagem. A estética, então, é a esfera em que o discurso porta, por princípio, a *imagem do outro* (a personagem representada) *ao outro* (o leitor-contemplador) (Bakhtin, 2015).

Sob esse viés, Bubnova (2006) defende que, embora primeiramente interessada no âmbito literário, dele elegendo os objetos de estudo dos ensaios produzidos, a antropologia filosófica bakhtiniana volta-se ao amplo âmbito cultural como fenômeno fronteiro. O diálogo como lugar *terceiro*, condição de possibilidade do sentido e da constituição subjetiva, "a escala a partir da qual valorizamos as coisas e as entendemos" (Bubnova, 2006, p. 92), desponta como organizador arquitetônico do trânsito cultural. Por conseguinte, segundo a autora, o ser é a abertura da presença, a esperança do vindouro, "aconteSer", uma perspectiva inconclusa e dialógica do dever responsável. Não estando nem somente no eu,

nem apenas no outro, a dialogicidade pode ser mais bem compreendida como "um espaço – social e ontológico ao mesmo tempo – em que se formam sentidos bicorporais e híbridos que fazem possível a existência, a comunicação, o ato" (Bubnova, 2006, p. 92).

A partir disso, ao enfocarmos, no projeto da antropologia filosófica, o estudo da palavra como uma *representação do encontro* com o outro, podemos observar o aspecto político dos enunciados que, tematizando o outro, prestam contas de uma determinada ética. Tais aspectos são analisáveis pela via da avaliação social, um complexo dinâmico entre a historicidade do enunciado e os valores de um dado contexto social, que toma a forma de uma *tarefa a ser desenvolvida*, reunindo "a minuta da época e o assunto do dia com a tarefa da história" (Medviédev, 2012, p. 185). Como rede de valorações sociais personalizadas no e pelo ato responsável, a ética "não é a fonte dos valores, mas o modo de se relacionar com eles" (Bubnova, 2016, p. 179).

Os contornos políticos da imagem do outro no discurso autoral, desse modo, se presentificam à medida que o sujeito estará sempre *diferindo* (Ponzio, 2017) sua subjetividade das avaliações sociais, sendo cada ato avaliativo um índice da responsividade ontológica. Em conformidade com essas reflexões, López-Muñoz, Di Fanti e Malcorra (2020, p. 3) entendem que a fixação de apreciações sociais relativas às identidades, inscrita na "ideia de uma identidade que seria a única apropriada para um grupo", dá lugar à possibilidade de diferir, aceitando "a multiplicidade de identidades que coabitam em um espaço lagonístico de democracia"¹⁰. Pela perspectiva bakhtiniana, compreendemos que essa multiplicidade de vozes se entretetece em relações agonísticas no interior do signo ideológico.

Volóchinov (2021) afirma que o signo ideológico não só reflete um estado de coisas, via referência, mas também as refrata, via interpretação. Pela refração, uma mesma unidade linguística interpreta, diferentemente, um mesmo elemento

¹⁰ Em diálogo com Mouffe (2003), os autores referendam a distinção entre antagonismo, presente na democracia de tons neoliberais, e agonismo, projetado na democracia pluralista. Enquanto as relações de alteridade inscritas no primeiro preveem a exclusão entre inimigos, aquelas inscritas no segundo preveem a colaboração legítima entre oponentes, em vistas ao bem comum, sem, com isso, ignorar a tensão que o constitui.

refletido, indicando o comportamento bifacial do signo: "[...] assim como Janus, qualquer signo ideológico tem duas faces. Qualquer xingamento vivo pode se tornar um elogio, qualquer verdade viva deve inevitavelmente soar para muitos como uma grande mentira" (Volóchinov, 2021, p. 113). Justamente nas disputas discursivas, a mudança social se encarna na palavra, haja vista que "a mudança da significação sempre é uma *reavaliação*: a transferência da palavra de um contexto valorativo para outro" (Volóchinov, 2021, p. 237).

Princípio análogo à reavaliação/reacentuação é identificado por Paveau (2021) no mecanismo contradiscursivo de ressignificação por recontextualização enunciativa em ambientes digitais. Nestes, um enunciador, participante de um grupo minorizado, se apropria de fragmentos enunciativos da ciberviolência sofrida, estabelecendo "um retorno do enunciado ofensivo [...] num contexto alternativo [...], o novo uso sendo aceito coletivamente [...] e produzindo uma reparação e uma resistência" (Paveau, 2021, p. 39). À parte as particularidades epistemológicas relativas à vertente teórica da pesquisadora, as ideias de apropriação, *reparação* e *resistência* comungam com o valor do prefixo "re-" em Bakhtin: defender a agência do sujeito em *recriar* sentidos a partir da palavra alheia, destronando-a da seriedade *dada* ou postulada, pela via da resposta.

Com isso, propomos que, pela perspectiva da antropologia filosófica, o contradiscurso seja analiticamente observado nas e pelas "formas de transmissão do discurso alheio, pois elas refletem as tendências principais e constantes da *percepção ativa do discurso alheio*" (Volóchinov, 2021, p. 251-252). Tais tendências se definem pela maneira singular a partir da qual o discurso alheio é responsivamente compreendido, desde seu fundo de *apercepção* (espécie de sondagem do contexto valorativo do outro) até o contexto emoldurador da réplica (Volóchinov, 2021). Nesse processo, conforme defende Volóchinov (2021), as palavras alheias podem ser introduzidas no discurso autoral de maneira mais ou menos explícita, mais ou menos destacada do centro valorativo de quem as transmite, mas sempre permeadas pelo projeto discursivo do falante.

Caso pensemos essa dinâmica de compreensão responsiva contradiscursiva pelo viés estético, retornaremos à premência da representação da imagem humana como um dos pontos mencionados por Bakhtin nos esboços para uma antropologia filosófica. Trata-se, sempre, de reparações, retratações, confirmações e negações acerca da imagem de sujeito comportada pelo enunciado. Para o filósofo russo, a *alma* é a categoria estética que mais se aproxima ao "caráter", na falta de palavra melhor. Mesmo a alma é uma seleção das palavras do outro: "[o]s princípios de enformação da alma são princípios de enformação da vida interior *de fora*, de outra consciência" (Bakhtin, 2023, p. 163). Na arquitetura estética, o autor opera sob o seguinte adágio: "minha vida é a existência que envolve no tempo as existências dos outros" (Bakhtin, 2023, p. 168); no contradiscurso de resistência, o envolvimento da valoração alheia ao redor de si mesmo, tornando-se autor desde uma posição extralocalizada, a partir da qual se reivindica a reparação do grupo minorizado ofendido do qual se é participante (Paveau, 2021), é uma reparação política. Nisso, o contexto emoldurador de minha resposta imprime, no enunciado, as relações de interafetação vivenciadas, em um processo de reacentuação:

Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, reacentuamos (Bakhtin, 2016, p. 54).

Para aprofundarmos os conceitos de "assimilação", "reelaboração" e "reacentuação" do discurso alheio pela perspectiva filosófico-estética, mobilizamos o processo empático-exotópico condicional ao enformamento do enunciado e da imagem. No encontro, o autor-criador, começando o movimento empático de aproximação com o outro, entra em compenetração com a personagem, passando a "vivenciar – ver e inteirar-me – o que ell[al] [a personagem] vivencia, colocar-me no lugar dell[al], como que coincidir

com ellal" (Bakhtin, 2023, p. 70). Entretanto, sendo a compenetração pura algo impossível, o autor-criador, de modo simultâneo, estabelece um movimento exotópico de retorno ao próprio lugar singular, o que possibilita lançar à personagem um "excedente de visão que deste meu lugar se descortina fora dellal, convertê-lla, criar para ellal um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento" (Bakhtin, 2023, p. 70).

Na visada dos contradiscursos de resistência, tanto o movimento de aproximar-se do outro quanto a insustentabilidade de nele perder-se, quanto, também, a palavra excedente que enforma, axiologicamente, o encontro são atos ético-políticos. Assimilar a palavra alheia implica aproximar-se da imagem objetificada que fere o sujeito e seu grupo. Retifica-se, então, a exotopia pura que forjou essa imagem: trata-se da assimilação da palavra do outro, contra a qual se resiste ao estatuído, desnaturalizando-o. A reelaboração dessa imagem na linguagem do sujeito que demanda reparação, apoiado pela sua coletividade, promove "lals buscas da nova superfície para o encontro entre mim e o outro, uma nova superfície de construção da imagem do homem" (Bakhtin, 2019, p. 46).

No plano plástico-pictural, Bakhtin (2019), na coletânea *O homem ao espelho*, discute a representação da imagem do outro em presença e em ausência. Na ausência, a palavra *fala sobre* o outro desde uma posição exotópica; com isso, "encobre o objeto e, portanto, ignora a possibilidade da sua mudança, dele se tornar um outro" (Bakhtin, 2019, p. 45). Em presença, a palavra *fala com* o outro no cronotopo do encontro (Bakhtin, 2018b), sem interromper previamente a interafetação, ou delimitar, desde o futuro, um recorte pictural apressado. Consequentemente, na imagem em presença, eu e outro afirmam-se, dialogicamente, na pintura do encontro. Por isso, na representação da imagem em presença, o ser humano "não é um caráter, nem um tipo, mas a encarnação de uma verdade e o seu representante" (Bakhtin, 2019, p. 59).

A verdade do outro, na linguagem do outro, assimilada, reelaborada e reacentuada por mim: eis *um* aporte ético-político ao contradiscurso de resistência pelo viés bakhtiniano. Nele, a escuta artística relembra que, a cada encontro ético-cognitivo, o sujeito irá se metamorfosear. De acordo com Bakhtin (2019), embora a palavra-violência queira *falar sobre* o outro, dele criando uma imagem em ausência e nele pressupondo "um objeto ausente e mudo, que não escuta e não responde" (p. 43), todo e qualquer objeto "quer saltar fora de si mesmo e vive na fé no milagre de sua transformação repentina" (p. 45). Permitindo identificar a ética e as dinâmicas discursivas mobilizadas pelo autor de um discurso intolerante, o dialogismo bakhtiniano retorna à estética como ponto de aplicação do vetor axiológico amoroso, que ressubjetiva o que tivera sido objetificado: "[...] [s]omente o amor pode ver e representar a liberdade interna do objeto. [...] Somente para o amor se revela a absoluta inconsumibilidade do objeto" (Bakhtin, 2019, p. 43).

Podemos, então, retomar nossa primeira pergunta de pesquisa, relativa aos aportes fornecidos pela estética bakhtiniana, para pensarmos o lugar da resistência na prática contradiscursiva. O processo empático-exotópico e a amorosidade tornam-se aspectos-chave para compreender a reacentuação da imagem em ausência a partir de uma prática *metalinguística*, que *contrapõe* fronteiras plástico-picturais, redesenhando limites democráticos do encontro. Ao tonalizar as novas fronteiras do encontro, o amor à coletividade implicada na ofensa sofrida traz a força volitivo-emocional capaz de resistir aos estereótipos, aos predicados concludentes, à fixação do ser em estigma, malgrado sua própria fala. Como exemplo de manifestações de resistência que podem ser contempladas a partir dos aportes aqui esboçados, discutiremos, na sequência, o fazer da psiquiatra Nise da Silveira, que, tal como referendado na epígrafe deste artigo, pensava o plano afetivo-criativo como vetor para a dialogização de valores excludentes em pinturas produzidas por seus pacientes.

2 Discurso antimanicomial e resistência nas imagens do inconsciente: ateliê de análise dialógica

Catta-Preta (2021) e Melo (2009), ao realizarem um panorama do contexto histórico da Reforma Manicomial no Brasil, assinalam o papel nodal da psiquiatra Nise da Silveira¹¹, tendo em vista o pioneirismo no tratamento não medicamentoso das psicoses, privilegiando a função da criação – mais especificamente, da arte – na Psicologia Analítica junguiana orientada à Terapêutica Ocupacional brasileira. Nascida em Maceió, Alagoas, Silveira é empossada psiquiatra no Centro Psiquiátrico Nacional¹², em 1944, posição incomum às mulheres da época. Em 1946, funda um ateliê de pintura, em um contexto cujas condutas médicas unânimes, cientificamente validadas ao tratamento das psicoses, eram a convulsoterapia (eletrochoque), a lobotomia transorbital, o coma insulínico e a quimioterapia (com medicações conhecidas pelos seus efeitos colaterais sedativos, como é o caso do haloperidol em doses desajustadas) (Silveira, 2001). Em seguida, dois eventos caracterizam a contribuição da psiquiatra ao campo e à sociedade: em 1947, a primeira exposição, nomeada *Pintura dos Alienados*; dois anos depois, a exposição *Nove Artistas de Engenho de Dentro*¹³.

Na obra *Imagens do inconsciente*, Silveira (2015) afirma que o interesse primário de seu trabalho era “penetrar, pouco que fosse, no mundo do esquizofrênico” (p. 13), constituindo uma psiquiatria humanística e interpretativa, que apostava no poder dos trabalhos manuais para “ajudar o doente a entender os conteúdos arcaicos invasores do consciente, originários de estratos mais profundos da psique”, através da “elaboração difícil e sofrida desse material na qualidade de linguagem simbólica” (p. 13-14). À época, o diagnóstico de psicose era guiado por fenômenos clínicos como o embotamento afetivo (apatia) e a presumida impossibilidade de estabelecer relações sociais, o que, supostamente, justificaria

o enclausuramento em massa nos manicômios. Silveira (2015, p. 52), a partir dos estudos em psicologia analítica de Carl Gustav Jung, entendia que não só a psicose, mas, também, principalmente, a elaboração desse quadro clínico em pinturas e trabalhos manuais feitos pelos pacientes eram correlatas a um mecanismo psíquico de autocura, exprimindo “tentativas, esboços, projetos de renovação”.

Recuperando a epígrafe deste artigo, o afeto despertado pela atividade do sujeito, juntamente com as relações de alteridade nutridas com os monitores dos ateliês, contribuía para o balanceamento paulatino entre as forças do eu e as moções pulsionais do inconsciente coletivo, nas e pelas imagens do inconsciente: “[o] afeto foi fator constante na nossa seção de Terapêutica Ocupacional, não só na pintura, mas também na encadernação, marcenaria, jardinagem, costura, tapeçaria etc.”, depõe Silveira (2015, p. 72). A interafetação era tão relevante à terapia que os monitores, assim como os animais de companhia, eram entendidos como *afetos catalisadores* da mudança. Pelo viés bakhtiniano, podemos entender que a amorosidade parece ter sido um vetor axiológico determinante ao atendimento dos pacientes, reconhecendo valores humanos na diversidade expressa: “[p]or mais estranhas que sejam, essas figuras [imagens do inconsciente] são extraordinariamente construídas, vivas, e falam a quem se detenha para escutá-las” (Silveira, 2015, p. 127). Nesse sentido, a contemplação amorosa lançada por Silveira aos seus pacientes dialoga com o discurso da reforma psiquiátrica, que encontra em Franco Basaglia, expoente da Psiquiatria Democrática italiana, a principal referência.

Atento às análises de Erving Goffman sobre o funcionamento excludente do estigma, Basaglia (2010, p. 44), no ensaio “Um problema de psiquiatria institucional: a exclusão como categoria sociopsiquiátrica”, entende a exclusão social do

¹¹ Em retrospectiva de sua própria trajetória à ocasião de sua homenagem no XIV Congresso Nacional de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental (1979), Silveira (2013, p. 20) reflete: “[...] Imleu trabalho sempre fora marginalizado pela psiquiatria nacional. O que havia acontecido? Que erro teria eu cometido (dentro de meus pontos de vista, é claro) para assim de repente ser aceita, e mesmo homenageada?”

¹² Localizado no bairro Engenho de Dentro. Disso deriva a alcunha “alienados do Engenho de Dentro”.

¹³ As informações cronológicas estão disponíveis no volume “Nise da Silveira”, voltado à recuperação da memória histórica da psiquiatra, na coleção *Memória do Saber*, organizada por José Otávio Motta Pompeu e Silva (2013).

psicótico como um fenômeno antropológico que indicia, primeiramente, a incapacidade do discurso médico em compreendê-lo: “[e]xcluído porque incompreensível, excluído porque perigoso, o doente mental continua a ser mantido além do limite humano, como expressão da nossa desumanização e da nossa incapacidade de compreender”. Silveira (2015, p. 146) observa as mesmas dinâmicas de exclusão social e de enclausuramento institucional, relatando que, “[...] [s]e o indivíduo tenta comunicar o que lhe está acontecendo, as pessoas afastam-se sem querer escutá-lo. Seu isolamento torna-se cada vez maior. Chamam-no então de ‘alienado’”. A indisposição à escuta amorosa do psicótico, com efeito, é descrita pela psiquiatra como uma macroestrutura social que ocasiona o quadro síndrômico:

Mundo externo hostil, desagregação da família, falta de amor na infância, condições miseráveis de vida, frustrações repetidas, humilhações, opressão da vida instintiva, de aspirações culturais e espirituais, apertando o indivíduo num anel de ferro, provocam intensas emoções e tentativas malogradas de defesa. A psique não consegue fazer face a todos esses ataques, juntos ou separados, e acaba incapaz de preservar sua integridade. Racha-se, cinde-se. As emoções, que não encontraram uma forma adequada de expressão, introvertem-se, rasgando sulcos subterrâneos até alcançar a estrutura básica da psique (Silveira, 2015, p. 97).

Tal como o autor-criador descrito por Bakhtin, que se atenta àquilo de que a personagem necessita (Petrilli, 2013), Silveira (2015), escutando o apelo dos doentes por humanização, desempenhou, com e pela terapia ocupacional, um ato político de resistência às dinâmicas sociais que apertavam os asilados “num anel de ferro”, até que suas subjetividades desmoronassem. Um louco é, antes de tudo, um ser humano enlouquecido, seja pela falência da função desempenhada pelos cuidadores mais próximos, seja pelo sistema diagnóstico e terapêutico de uma época – que, com suas práticas, rotulam o sujeito e arrefecem sua agência, substituindo-a pelo efeito sedativo medicamentoso, com isso, retardando ou impedindo qualquer reinserção social (Basaglia, 2010).

Nise da Silveira interpreta, na materialidade das imagens do inconsciente, o motivo ideológico da exclusão concretizado naquilo que, em nossa análise, poderíamos designar “cronotopo do manicômio”. A seguir, apresentamos duas imagens, criadas por dois pacientes diferentes, nas quais podemos observar o *muro* como motivo ideológico central. A primeira foi produzida por Emygdio de Barros, torneiro mecânico que recebeu o diagnóstico de psicótico “sem salvação”, tendo sido internado por 23 anos:

Figura 1 – Emygdio de Barros, 3/4/1972



Fonte: cedido pela Sociedade Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente. Consta em Silveira (2015, p. 33).

Retomando a antropologia filosófica, observaremos a representação da imagem do ser, bem como as diferenças espaciais e temporais entre o eu e o outro (Bakhtin, 2017c), para pensarmos o contradiscurso de resistência da reforma psiquiátrica. Para isso, tomaremos as imagens do inconsciente como enunciados plásticos-visuais.

Segundo Bakhtin (2018b, p. 238), o cronotopo indica o tempo e o espaço como aspectos da arquitetônica da representação artística, contemplando, ao mesmo tempo, o "cronotopo do universo representado", o "cronotopo representador do autor" e o "cronotopo do *ouvinte ou leitor*". Quanto ao cronotopo representador do autor, a imagem de Emygdio pode acenar ao cronotopo autobiográfico, no qual o pintor-criador projeta na tela uma relação com o pintor-personagem, sem, contanto, com ele coincidir: "Isle eu narrar (ou escrever) uma ocorrência que acaba de se passar comigo, como *narrador* (ou escritor) já estarei fora daquele tempo-espaço onde se deu tal acontecimento" (Bakhtin, 2018b, p. 234). Embora a psiquiatria da época compreendesse que, em casos graves de esquizofrenia, haveria, nas produções artísticas, "a quase ausência da figura humana e mesmo das formas orgânicas no geral" (Silveira, 2015, p. 18), o enunciado plástico-visual de Emygdio revela um cronotopo autobiográfico em que o pintor-criador consegue não só objetivar a figura humana mas também distingui-la das formas "inanimadas"¹⁴ (as construções) e animadas (a árvore), a partir do tom emotivo-volitivo impresso na escolha de cores.

No cronotopo do universo representado, há um muro, em coloratura do espectro bege, que separa a cena subjetiva íntima (embora compartilhada, confessada ao interlocutor, cf. Wall, 2016) do espaço extramuros. Na escolha do tom que colore a árvore, o espaço intramuros dialoga com a cor da grama presente no mundo do "lado de lá", insinuando que a concretude da interdição não consegue impedir, mesmo com sombras lançadas pelo muro, que o verde vivo tonalize

aspectos do espaço comum. No encontro com a narrativa temporal, o muro estanca o fluxo discursivo na e pela figura do asilado, suspenso em meio às cores. Mesmo tonalizado com uma vertente terrosa análoga àquela predominante na totalidade do quadro, o indivíduo não se integra ao todo, estando circunscrito por um tom de bege ainda mais claro do que o muro, como se o tom da separação tivesse efeitos ainda mais excludentes no sujeito que a vive: "Ielm local que Emygdio evoca, e dir-se-ia uma paisagem amena, ele se sente encerrado num espaço estreito, um vazio branco, incapaz de comunicar-se com o ambiente" (Silveira, 2015, p. 32). Nesse cenário, apoiado na sombra do muro, o sujeito encontra-se em suspenso, com a cabeça baixa, em uma posição de braços que pode indicar tanto uma postura reflexiva, indagadora, quanto os efeitos das proibições, como se os braços estivessem amarrados.

Essa dialética lança uma contrapalavra à ideia de que o psicótico seria um sujeito em suspensão da realidade, da qual ele seria alijado por "camisas de força". Logo, o contexto social não só está expresso como também avaliado por relações metalinguísticas entre motivos ideológicos antagônicos: a vivacidade do verde, ligado à vida natural, está na árvore em primeiro plano, bem como na caracterização do chão além-muro, que ampara o mundo dos outros. Isso é possível porque o espaço no qual o sujeito se representa é aberto, sem telhados, constantes apenas nas casas que circundam o manicômio; logo, a vida natural, alheia ao estigma social do louco, é representada pela dialética entre o claustro e o espaço público, entretecendo-os. O pintor-criador parece sublimar, então, uma análise sociológica aguçada, indicando que o único elemento que distingue o louco do resto do mundo é o muro, construído pelos humanos e potencialmente transponível, pois a vida, em seu estado bruto (o verde da árvore), espraia-se a despeito dos efeitos políticos sectários do discurso, autorrevelando-se.

¹⁴ As aspas acenam ao fato de que, pelo ideário bakhtiniano, não há qualquer elemento afigurado inanimado, pois, uma vez na arquitetônica artística, todo o universo é correlacionado ao ser humano, humanizando-se, personificando-se (Bakhtin, 2017b), conforme discutimos na análise da segunda imagem do inconsciente.

No viés de Wall (2016), as linguagens dialogam a despeito do registro semiótico em que se inscrevem. Nesse sentido, o discurso antimanicomial de Silveira parece dialogar com a contemplação do pintor-criador em relação a si mesmo e aos outros, desde uma perspectiva crítica, gerando resistência no plano metalinguístico. O sujeito, tensionado entre a reflexão e o aprisionamento, representa-se em um tom destacado do aspecto terroso predominante, reacentuando não apenas a sombra do muro mas também a suspensão temporal imposta pelo círculo que o circunscreve, individuando-se contra o discurso que quer tornar-lhe, literalmente, alienado. A solidão do sujeito ressignifica-se ao circular no contexto do observador, que responde a seu apelo de socialização no e pelo ato de desnaturalizar a segregação. Pelo enunciado plástico-visual de

Emygdio, sentimos ressoar as palavras de Silveira e de Basaglia, as quais transmitem o discurso manicomial reelaborado e reacentuado pelo viés libertário, destronando-o.

Na esteira de Luciano Ponzio (2019, p. 54), a iconicidade da pintura “não propõe à vida um espelho, no qual possa tranquilamente olhar-se e agradar-se, mas interroga-a, envolve-a em um diálogo acirrado que a põe em discussão”. Nesse sentido, a pintura de Emygdio aciona, nos signos ideológicos que a compõem, as valorações antagônicas de sua sociedade, apelando ao projeto agonístico da não exclusão, da não objetificação do psicótico. Na imagem a seguir, de Heitor Teixeira Rico, o apelo à problematização do isolamento subjetivo parece tonalizar todo o processo narrativo do quadro:

Figura 2 – Heitor Teixeira Rico, 28/12/1972



Fonte: cedido pela Sociedade Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente. Consta em Silveira (2015, p. 34).

A pintura de Heitor é, segundo Silveira (2015, p. 34), um "testemunho" do isolamento, que "nos permite apreender o imenso sentimento de solidão de dois homens num pátio do hospital". Em nosso processo de compreensão responsiva, retomaremos algumas observações bakhtinianas sobre o cronotopo do encontro. Segundo Bakhtin (2018b), os polos do eu e do outro não se fundem no motivo do encontro, seja ele positivo ou negativo (como no caso da separação). Ademais, esse cronotopo dialoga, fortemente, com o motivo do reconhecimento, o qual está presente desde em esferas ideologicamente mais estruturadas, como na "organização da vida da sociedade e do Estado", bem como nas menos estruturadas, como nos acasos que "definem literalmente todo o destino de um homem" no "cotidiano de todo indivíduo" (Bakhtin, 2018b, p. 30). De início, hipotetizamos que o jogo de luz e sombra, bem como o motivo do reconhecimento alteritário, apresenta ecos políticos relevantes ao contexto da reforma psiquiátrica.

Para Bakhtin (2023), a representação imagética, o plano volitivo-emocional e vocal inscrevem, na concretização do sentido, a representação do outro como produto-processo de uma experiência situada de encontro e nomeação, em que tudo o que é poderia ser diferente, caso o encontro fosse outro. No cronotopo do autor-criador, o clima de expectativa inscrito nos tons mais fechados, ou no céu prestes a abarcar a noite ou uma tempestade, faz emergir a espera por uma palavra não dita entre os sujeitos que se reconhecem, mesmo que algo entre eles já aponte para uma semelhança forçada: a vestimenta, que uniformiza os asilados, diluindo suas singularidades no signo da loucura.

Pelo viés da antropologia filosófica bakhtiniana, ao analisarmos o ser que compõe a imagem como um todo, tanto o muro interposto entre os sujeitos quanto o céu tempestuoso parecem chamar ao diálogo um terceiro ser, a terceiridade (Bubnova, 2016) valorada pelo pintor-criador. No quadro, a terceiridade pode ser pensada como o discurso manicomial excludente, que é transmitido pelo pintor-criador em estilo linear, no qual as fronteiras entre o discurso próprio e

o alheio são mais aparentes (Volóchinov, 2021): tanto a interdição violenta (muro com pedaços de madeira pregados, demandando força física) quanto o abafamento (o céu com nuvens cerradas) parecem constar como enunciados do outro que interrompem a narrativa do reconhecimento. Entretanto, no cronotopo do universo representado, a interdição ao reconhecimento é reacentuada pelo sujeito mais próximo ao contemplador, que, pela postura encurvada, parece "espiar" seu próximo a despeito do muro.

Dito diferentemente, o muro é ressignificado como elemento que, destronando sua funcionalidade sectária, propala o reconhecimento entre os asilados, a formação de uma coletividade, a humanização que permite gestar uma contrapalavra à objetificação dos sujeitos. A terceiridade alteritária pode ser pensada como o fundo emotivo-volitivo da pintura, sustentando o olhar que desafia o muro, alçado pelo pé em meia-ponta, que busca uma ampliação da visão. De maneira análoga à imagem de Emygdio, nesta, a arquitetônica espacial não consta com telhados. Pode haver um céu amedrontador, ou um muro cujo alcance é ilimitado; porém, o cronotopo representador não oferece limites verticais. Isso aponta para a dialética do signo ideológico muro, cujo aparato de madeira, pregado à estrutura, pode servir como uma escada para além do limite imposto pela materialidade do quadro. Em ambas as pinturas, a dialética do signo aparece como elemento potencializador da contrapalavra de resistência ao isolamento manicomial, convidando o olhar contemplador a ir além do estatuído, das possibilidades representadas.

Como defende Wall (2016), o olhar é um elemento importante na pintura, pois pode representar, dialogicamente, o apelo à resposta. Segundo Bakhtin (2017b), é a correlação com um centro de valor humano que humaniza o mundo, o qual passa a ser percebido como alteridade constitutiva de si e do outro. Embora Mouffe (2003) critique a relação entre antagonistas inimigos típica da democracia liberal, algumas esferas da sociedade abarcam sujeitos que não conseguiram manter a estruturação da própria subjetividade,

vendo-a desmoronar – “[a] falência do ego não permite controle nem sínteses” (Silveira, 2015, p. 97), tornando impossível reconhecer o outro como inimigo ou oponente. O argumento de Basaglia (2010), entretanto, lança um olhar social à psicose, demonstrando que a falência do ego (que, supostamente, se excluiria da realidade) é efeito de um sistema social psicótico, que exclui os diferentes impossíveis de compreender. O discurso da exclusão manicomial como resposta à natural reclusão do psicótico ao mundo interno é reacentuado na pintura pelo apelo ao olhar que um personagem lança ao outro, insinuando não só que o psicótico tem, ontologicamente, o mesmo impulso humanizador da busca por respostas, mas também que pode “salvar” seus próximos, tornados um coletivo pelo efeito ressignificado do próprio muro. Mesmo cabisbaixos, os asilados poderão atender ao olhar amorosamente interessado de quem exige uma renomeação desobjetificadora. Na narrativa do quadro, em breve, o personagem cabisbaixo, atendendo ao apelo dialógico, poderá vir a se distanciar das grades contra as quais apoia suas costas.

Nesse sentido, as relações metalinguísticas travadas entre o pintor-criador e seus dois personagens torna a lembrar o contemplador de que o universo representado apela a uma atenção amorosa capaz de revelar o ser expressivo e falante que quer reconhecer-se, no ser, com o outro (Bakhtin, 2017b, 2017c; Bubnova, 2016). Com isso, a pintura exige que a nomeação – o verbo, a possibilidade de expressão – seja restituída, sendo que o responsável por doar ou emprestar o enunciado ao cronotopo representado é o interlocutor, atendendo ao apelo afigurado (Wall, 2016). Logo, a cena da exclusão manicomial é retomada pelo pintor-criador, participante da comunidade oprimida, e representada na linguagem plástica-visual, ressignificando o signo ideológico do muro, desta vez como impulso ao diálogo, produzindo uma reparação (Paveau, 2021).

Retornando à nossa segunda pergunta de pesquisa, entendemos que a afiguração e/ou representação estética da linguagem do outro produz resistência ao: i) tomar como princípio

construtivo e temático a humanidade alteritária, demandando uma contemplação que, responsivamente, restitui o objeto ao lugar de sujeito; ii) impedir o fechamento do diálogo em torno do universo representado, o qual só irá se completar na atitude responsiva do contemplador. Essa é uma parte constitutiva do produto estético, prevista por Bakhtin (2023, p. 21) como “ativismo formador do autor-leitor”, em uma zona dialógica de conhecimento e interpretação do mundo representado. Essa nova forma de conhecimento dialógico, prevista na antropologia filosófica bakhtiniana, resiste à exclusão do outro como resposta primeira a tudo aquilo que pareça radicalmente estranho (Basaglia, 2010; Bubnova, 2016).

Considerações finais

Nesta discussão, alinhamo-nos à ética de problematização dos sentidos estatuídos, compartilhada pelos analistas do discurso, discutindo a produtividade da teoria bakhtiniana para tomadas de posição problematizadoras em relação aos discursos de objetificação do outro. Com isso, propusemos o objetivo de investigar aportes político-estéticos aos contradiscursos de resistência no Círculo de Bakhtin, visando a contribuir para o avanço da discussão sobre a antropologia filosófica. A partir de nossa breve discussão relativa às imagens do inconsciente produzidas por pacientes de Nise da Silveira, individuamos os seguintes aportes inter-relacionados: a) a resistência à imagem em ausência do outro no e pelo plano afigurativo/representacional da produção estética; b) a resistência à objetificação do outro pela via da amorosidade estética, que exige a restituição subjetiva ao parceiro do ato ético, em toda a sua complexidade concreta no existir.

Na atividade artística, à diferença dos discursos intolerantes que operam em outras esferas, a contemplação amorosa do outro encontra amparo no próprio princípio da construção estética, em que podemos entrar em empatia com o outro, retornar ao próprio lugar e, em seguida, doar nosso excedente de visão. É ao final desse processo que Bakhtin (2023) afere às produções discursivas o valor artístico por excelência, tendo

passado por essas relações de alteridades que exigem a produção de sentido no plano do outro. Nisso, o amor nos faz questionar a função referencial da linguagem, designativa, que pretende “encerrar” o outro em uma só nomeação – no caso dos discursos intolerantes, discriminatórios, ofensivos. A amorosidade, então, recupera o *momento dialógico* de humanização dos sujeitos, pelo conhecimento mutuamente interessado de realidades singulares, embora compartilhadas.

Com isso, pelo viés da antropologia filosófica, podemos pensar que a “composição da espécie do ser da imagem” (2017c, p. 42) preconizada pelo Círculo traz à luz uma dinâmica de subjetivação que opera pela “manifestação do meu fazer ante o outro, com o outro, para o outro” (Bubnova, 2016), com o qual se deve exercer a singularidade desde uma ética de reacentuação do estatuído. Nesse sentido, observamos que, nas duas imagens discutidas, o tema do muro na afiguração artística ressignifica, dialeticamente, a exclusão pela perspectiva da coletividade, tornando-se o motor do reconhecimento entre sujeitos. Essa dinâmica compõe o funcionamento do contradiscorso de resistência de Nise da Silveira, ecoando Franco Basaglia, ambos reverberando o contexto enformante do discurso dos pacientes. Estes, por sua vez, entram em relação dialógica com o discurso do enclausuramento da loucura a partir de um movimento de compreensão responsiva singular, que refrata a sociedade – seja ela médica ou leiga – como participante ativa da condição em que se encontram, buscando, assim como Bakhtin (2019), novas superfícies de contato em uma imagem *outra* do ser humano.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. Fragmentos dos anos 1970-1971. In: BAKHTIN, Mikhail. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2017c. p. 21-56.
- BAKHTIN, Mikhail. *O autor e a personagem na atividade estética* (1920-1924). Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2023.
- BAKHTIN, Mikhail. *O homem ao espelho: apontamentos dos anos 1940*. Tradução: Cecília Maculam Adum, Marisol Barenco de Mello e Maria Leticia Miranda. São Carlos: Pedro & João, 2019.
- BAKHTIN, Mikhail. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução: Auror Fornoni Bernardini, José Pereira Júnior, Augusto Goês Júnior, Helena Spryndis Nazário e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Hucitec, 1988. p. 13-70.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso (1952-1953). In: BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2016. p. 11-69.
- BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável* (1920-1922). Tradução: Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 3.ed. São Carlos: Pedro & João, 2017b.
- BAKHTIN, Mikhail. Por uma metodologia das ciências humanas (1974). In: BAKHTIN, Mikhail. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2017a. p. 57-79.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski* (1963). Tradução: Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018a.
- BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do Romance I: a estilística* (1934-1935). Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2015.
- BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance II: As formas do tempo e do cronotopo* (1930/1975). Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2018b.
- BARBOSA, Vanessa Fonseca; DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. Notas sobre gêneros do discurso em Bakhtin, Volóchinov e Medviédev. In: ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno; ARANTES, Poliana; PESSÔA, Morgana (org.). *Pesquisar com gêneros discursivos: interpellando mídia e política*. Rio de Janeiro: Cartolina, 2020. p. 185-200.
- BASAGLIA, Franco. Um problema de psiquiatria institucional: a exclusão como categoria sociopsiquiátrica (1966). In: AMARANTE, Paulo (org.). *Escritos selecionados em saúde mental e reforma psiquiátrica*. Tradução: Joana Angélica d'Ávila Melo. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. p. 35-59.
- BUBNOVA, Tatiana. Bakhtin e a antropologia americana. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto (org.). *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 89-113.
- BUBNOVA, Tatiana. *Do corpo à palavra: leituras bakhtinianas*. Tradução: Nathan Bastos de Souza. São Carlos: Pedro & João, 2016.
- CATTA-PRETA, Marisa V. Diálogos entre Nise e Jung: a obra expressiva de Nise da Silveira e suas contribuições para a psicologia analítica. *Junguiana: revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, São Paulo*, v. 39-1, p. 111-126, 2021. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/jung/v39n1/08.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2024.

DI FANTI, Maria da Glória Corrêa; LÓPEZ-MUÑOZ, Juan Manuel. Tonos intolerantes em discursos de grandes medios de comunicación brasileiros: un estudio dialógico. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 1-17, abr./jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2020.2.37411>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/letronica/article/view/37411>. Acesso em: 19 nov. 2024.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2009.

FARACO, Carlos Alberto. O dialogismo como chave de uma antropologia filosófica. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto. *Diálogos com Bakhtin*. 4. ed. Curitiba: UFPR, 2007. p. 97-108.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Tradução: Lara Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

LÓPEZ-MUÑOZ, Juan Manuel; DI FANTI, Maria da Glória Corrêa; MALCORRA, Bárbara. Discursos (in) tolerantes e democracia pluralista. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 1-8, abr./jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2020.2.37655>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/letronica/article/view/37655>. Acesso em: 19 nov. 2024.

MEDVIÉDEV, Pável. *O método formal nos estudos literários: uma introdução crítica à poética sociológica (1928)*. Tradução: Sheila Grillo e Ekaterina Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

MELO, Walter. Nise da Silveira e o campo da Saúde Mental (1944-1952): contribuições, embates e transformações. *Mnemosine*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 30-52, 2009.

MIOTELLO, Valdemir. *Por uma escuta responsiva: a alteridade como ponto de partida*. São Carlos: Pedro & João, 2018.

MOUFFE, Chantal. Democracia, cidadania e a questão do pluralismo. *Política & Sociedade*, Florianópolis, v. 2, n. 3, out. 2003, p. 11-26. DOI: <https://doi.org/10.5007/%25x>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2015>. Acesso em: 19 nov. 2024.

PAVEAU, Marie-Anne. A resignificação na web social: princípios teórico-metodológicos. In: PAVEAU, Marie-Anne; COSTA, Júlia Lourenço; BARONAS, Roberto Leiser. *Resignificação em contexto digital*. São Carlos: EdUFSCAR, 2021. p. 19-57.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução: Eni Orlandi et al. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2014.

PETRILLI, Susan. Uma leitura inclassificável de uma escritura inclassificável: a abordagem bakhtiniana da literatura. In: PAULA, Luciane; STAFUZZA, Grenissa (org.). *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 31-52.

PETRILLI, Susan. *Em outro lugar e de outro modo*. Filosofia da linguagem, crítica literária e teoria da tradução, em torno e a partir de Bakhtin. Tradução: Daniela Mondado, Ana Beatriz Dias, Radamés Benevides e Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

PONZIO, Augusto. O pensamento dialógico de Bakhtin e do seu Círculo como inclassificável. In: PAULA, Luciane; STAFUZZA, Grenissa (org.). *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 293-349.

PONZIO, Luciano. *Ícone e afiguração: Bakhtin, Malevitch, Chagall*. Tradução: Guido Alberto Bonomini, Cecília Maculan Adum e Vanessa Della Peruta. São Carlos: Pedro e João, 2019.

PONZIO, Luciano. *Visões do texto*. Tradução: Mary Elizabeth Cerutti-Rizzatti e Giorgia Brazzarola. São Carlos: Pedro & João, 2017.

SILVEIRA, Nise da. *Imagens do inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 2015.

SILVEIRA, Nise da. *O mundo das imagens*. São Paulo: Ática, 2001.

SILVEIRA, Nise da. Retrospectiva de um trabalho vivido no Centro Psiquiátrico Pedro II do Rio de Janeiro. In: POMPEU E SILVA, José Otávio Motta (org.). *Nise da Silveira*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013. p. 28-43. Coleção Memória do Saber.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 3. ed. São Paulo: 34, 2021.

WALL, Anthony. A bisbilhoteira na pintura. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 228-263, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/2176-457324398>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/8vmDnXjHq3W3HfSfTzzYR-mn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 nov. 2024.

Eduardo Moll

Doutorando em Letras – Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS, Porto Alegre, RS, Brasil). Bolsista CNPq (140686/2022-3).

Glória Di Fanti

Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP, São Paulo, SP, Brasil) e professora titular do Programa de Pós-Graduação em Letras da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS, Porto Alegre, RS, Brasil). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (PQ-312725/2023-0).

Juan-Manuel López-Muñoz

Doutor em Filologia Francesa pela Universidad de Cádiz (UCA, Cádiz, Espanha) e professor titular do Departamento de Filologia Francesa e Inglesa da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidad de Cádiz.

Endereço para correspondência

EDUARDO DA SILVA MOLL/ GLÓRIA DI FANTI

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Escola de Humanidades – Programa de Pós-Graduação em Letras

Av. Ipiranga, 6681, Prédio 8

Partenon, 90619-900

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

JUAN-MANUEL LÓPEZ-MUÑOZ

Universidad de Cádiz

Facultad de Filosofía y Letras

Departamento de Filología Francesa e Inglesa

Av. Dr. Gómez Ulla, 1

Cádiz, 11003, Espanha

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.